

Minius, o Tesouro

Há muito tempo, mais tempo do que aquele que os livros podem guardar memória, havia uma terra de vales verdejantes entre a montanha e o mar. Uma terra coberta de velhos carvalhos, castanheiros e vidoeiros, rasgada por rios cristalinos que desaguam noutros maiores e mais ricos, o *Minius*¹, a norte, e o *Limia*², a sul. É nesta terra rica e majestosa que se criam seres duros e resistentes, pois a vida não é simples: as terras rochosas, montanhosas e com nevoeiro e chuvas constantes, obrigam pessoas e animais a lutar cada dia, para encontrar alimento, crescer e criar as suas proles. E é aqui, neste lugar místico, onde começa uma história que o tempo não pôde apagar, pois está guardada no seu coração.

Viveu, nesse tempo imemorável, um pequeno e audaz pastor, que saía todos os dias pela montanha a vigiar as duas vacas de raça *cachena*³ dos seus pais. Os montes escondiam tanto de belo como de perigoso, os lobos andavam sempre à espreita, para não falar de lobisomens, *meigas*⁴ e outros misteriosos seres, o que não dava espaço a desleixos do pequeno pastor. Juntamente com os seus pais e dois irmãos, o pequeno pastor vivia numa pacata aldeia de casas redondas, os *castros*⁵, numa povoação conhecida pelo nome de *Talábriga*⁶. Na sua aldeia não habitavam mais do que cem pessoas, mas contando todos os *castros* distribuídos pelas montanhas circundantes, a população era enorme.

Os dias eram contados ao ritmo da natureza. Cada estação trazia consigo riquezas únicas, apenas aproveitadas durante um curto período de tempo. Mas, aquelas pessoas, sabiam valorizar as benesses sazonais e marcavam o início de cada estação com uma celebração. Esses festejos eram dias de muita alegria para os habitantes, que preparavam bastos banquetes de javali acompanhados de músicas e danças tradicionais. Faziam-se grandes fogueiras e os homens desafiavam-se a apanhar *garranos*⁷, numa tradição chamada a “*rapa das bestas*”.

Cada aldeia tinha o seu mago, o druida, uma pessoa possuidora de um grande conhecimento. Conhecia cada planta, animal e estrela de cor, e sabia interpretar os seus movimentos. Sabia como sarar cada ferida, compreender cada queixume de pessoa ou animal, e ler cada estrela. Era, também, o guardião dos segredos ancestrais. Ninguém, além dele, sabia os segredos mais profundos daquela terra. Por isso, em cada noite de celebração, o druida aproveitava para passar o seu conhecimento aos pequenos homens da aldeia. Mas, não contava os seus segredos de forma simples: cada história era um enigma, só os mais perspicazes o entenderiam.

O fim do período quente era celebrado com a festa das colheitas. Nessa noite de folia, o pequeno pastor, depois de uma longa jornada de pastoreio, foi tocado pela mensagem do

druida. Diante dos fogos e das danças ancestrais, compassadas pela gaita-de-foles, o druida disse:

- “Cego é aquele que não vê o ouro que o banha! Quem não tira os olhos do chão, jamais perderá a sua cegueira! Nada há de mais belo e precioso do que o que tocamos e vemos cada dia. É imenso, mas ao mesmo tempo ínfimo neste oceano de estrelas. É um tesouro que está perto de todos, mas só alguns o verão. E quando o virem, compreenderão que é o mais valioso de todos.”

Impressionados, o pequeno pastor e os seus amigos, saíram curiosos pela noite de festejos. Que tesouro é esse que está à vista de todos, mas eram cegos ao ponto de não o ver? Nada apagaria tal pensamento da cabeça dos pequenos aldeões. Contudo, as obrigações da vida, para além dos dias de festa, rapidamente diminuía o entusiasmo de grandes caçadas ao tesouro.



Os anos passaram. As gerações de cachenas, garranos, lobos e outras criaturas, cresceram e procriaram, e o nosso pequeno pastor era agora um jovem robusto, de corpo talhado por aquela dura terra. Nunca cessara de pensar no tesouro que, naquela noite de festa, o druida lhe falou. Apesar de cada dia de trabalho ocupar a totalidade da sua jornada e não lhe deixar tempo livre, a vontade de descobrir tão valiosa posse não se tinha apagado do seu jovem espírito.

Após a festa da fertilidade, o jovem pastor aproveitou os dias quentes e longos que começavam, e sabendo que os irmãos conheciam bem o seu trabalho, tomou uma decisão. De regresso a casa, disse aos seus pais:

-“Sinto que devo partir em caminhada. Não irei muito longe, mas algo me pede esta viagem. Seguirei as estrelas, assim sempre saberei onde fica a nossa aldeia.”

Os pais concordaram, sabiam ter o gado bem entregue e, além disso, reconheciam que a entrada na vida adulta exigia estas peregrinações. Assim, o jovem pastor, munido de alguns pertences, uma pequena tenda de pano e uma boa broa de bolotas, preparou-se para partir. Antes de tomar o seu caminho, porém, subiu até à casa do druida, para lhe comunicar a sua decisão e se aconselhar.

-“Decidi tomar os trilhos da montanha e procurar o tesouro de que falas, ó druida” – disse o jovem pastor.

- “Boa decisão tomas, ó pastor. Mas não será preciso ir longe para encontrar o tesouro, senão antes para ver o seu tamanho.”

Após alguns conselhos, sobre como se orientar no seu caminho, e alguns amuletos para evitar meigas e encantamentos, o pastor partiu pela montanha com o saco às costas. Deixou, assim, a sua terra de velhos carvalhos, verdejante e atravessada pelo rio *Limia*, e rumou em direcção a nordeste, para depois rumar a norte através das montanhas, ao encontro do *Minius*, ali onde se separavam duas terras irmãs.

Subindo rio acima até *Anóbrega*⁸, correndo os ancestrais trilhos, o jovem pastor começou a sentir um misto de admiração e respeito pelo que via. Aqueles montes eram deveras ricos, lar de infinitos animais e plantas distintos, contudo, o facto de ter crescido nesse meio nunca o fizera valorizar aquela terra. O respeito, que crescia no seu interior, veio quando se deu conta da sua pequenez no meio daquele imenso bosque. Pensou em como um só homem, podendo talhar tanto a terra, era apenas uma pequena peça na imensidão do mundo.

Foi colhendo cogumelos e caçou um coelho para poder cear naquela noite. Fez uma fogueira e, enquanto preparava a comida, admirou as estrelas. Sabia, através dos ensinamentos do druida, qual era a estrela norte, aquela que ele devia seguir. À sua volta, os ruídos da noite causavam-lhe algum temor. Não eram os animais selvagens, cujos sons conhecia bem e as fogueiras mantinham afastados, que o assustavam. Eram os risos longínquos das *meigas*, as traquinices dos *abelúrios*⁹, os passos dos *andadores*¹⁰, os roncões do *sarronco*¹¹ ou os uivos dos lobisomens. Os amuletos do druida deixavam-no um pouco mais tranquilo, mas não seguro de todo.

Ao romper do dia, já o jovem pastor levava uma boa distância percorrida. As últimas raposas e texugos ainda cruzavam o seu caminho, à procura das últimas peças de caça antes de se recolherem às suas tocas. Seguiu agora até *Arcóbriga*¹², terra encantadora, com os seus bosques e vales elegantes, atravessada por um cristalino rio, o *Ve*. Deslumbrou-se a ver as imensas trutas, guarda-rios, lontras e outros animais, habitantes nativos daquelas águas translúcidas e ricas. Sem dúvida, a imponência bela e natural daquele rio deixaram o jovem pastor em êxtase. Almoçou e repousou naquelas margens, mas não por muito tempo. Queria seguir montanha a cima, em direcção a um local sagrado sob as rochas. Chamavam-lhe *Peneda* por estar rodeado de incontáveis e infinitas rochas, elas próprias montanhas sustentadas num misterioso equilíbrio. Para lá chegar, não seria uma caminhada fácil, teria de o fazer em duas etapas, decidiu então terminar esse dia num lugar de fortes gentes que trabalhavam a terra como ninguém, o *Soajo*. Foi ali que, despojando-se dos seus pertences, pôde recuperar-se com um banho nas encantadoras lagoas do *Adrão*.

Com o tombar da noite, a excitação da experiência que vinha vivendo encheu-o de um prazer inexplicável. Eram maravilhosos os lugares que vinha percorrendo, com as suas serras e rios de encantar, senão encantados. O banho na lagoa, seguido de uma pequena ceia, foi a

receita certa para o atirar num sono profundo. Nem uivo, nem passo o despertariam daquele sonho, onde o druida lhe apareceu, lembrando: “Quem não tira os olhos do chão, jamais perderá a sua cegueira!”.

O canto do primeiro melro despertou o pastor do seu sono. Comeu um pouco de pão e pegou os seus pertences. Esse era o dia que chegaria ao lugar sagrado, mas o caminho adivinhava-se duro. Partiu cheio de força por aquelas montanhas, donas de uma aura mágica. Do alto dos seus cumes, sentia-se num estado de espírito superior. Levado nas asas do entusiasmo e com vontade de chegar ao seu destino, o jovem pastor não deu pelo tempo passar. Num meio-dia de caminhada chegou a um dos locais sagrados do seu povo, a mística *Peneda*. Olhando aqueles imponentes rochedos que se erguiam sobre a sua cabeça, dos quais jorrava uma cascata, teve a sensação de sonhar acordado. O pastor sentiu-se mínimo perante tão temíveis gigantes, interrogando-se como seria possível aquelas pedras não tombarem colina abaixo.

Junto com alguns peregrinos visitou o pequeno templo, espécie de culto àquela muralha utópica. Era um local de passagem de muitas gentes que rumavam a norte, seguindo as estrelas até um extremo conhecido como “*Finis terrae*”, o fim da terra. Este lugar permitiu-lhe conviver com pessoas de todos os lugares, ouvir histórias de longínquos povos e aumentar a sua sede de continuar o caminho. Como ali pernoitaria, aproveitou para subir o trilho dos penedos até ao lago no seu topo. Ficou sem palavras diante daquele espelho de água feito de sonhos, feito de magia. Entrou em êxtase noite adentro, com outros viajantes, partilhando comida e hidromel à volta das fogueiras e dançando a música das gaitas.

Despertou-se, já a manhã ia avançada, e tinha um longo caminho pela frente até um povoado junto ao *Minius*. Ali só chegaria ao anoitecer, pelo que tocar o tão afamado rio teria de esperar mais uma jornada. A rota daquele dia levou-o através dos cerrados bosques de carvalhos centenários, cruzou-se com famílias de javalis, à procura do seu alimento, e alguns veados que desatavam a fugir à sua passagem. Com o cair da tarde, atravessando um caminho ladeado de mamoadas e antas, ia cruzando com vários rebanhos de cabras e ovelhas guiados por robustos pastores, habituados àqueles agrestes declives. Foi então, do alto do último cume, que viu a terra cortada por aquele temível rio. Petrificado, como que atingido por um raio, não conseguia expressar o sentimento de alegria que lhe invadia o corpo. Tinha finalmente chegado àquele que definira como seu destino inicial, mas a sede de descoberta não estava nem um pouco saciada e tampouco tinha encontrado o tesouro. Decidiu descansar naquela colina e, no dia seguinte, tomaria um banho naquele rio selvagem, para depois seguir as suas margens em direcção ao grande oceano.

Acordou ainda de madrugada, tal era a sua vontade de tocar o feroz *Minius*. Preparou-se e desceu a colina em direcção àquela ferida aberta na terra. Ao aproximar-se, começou a cruzar-se com alguns pescadores que, naquele povoado, faziam umas estranhas construções de pedra rio adentro. Eram, também, conhecidos por pescarem umas cobras negras hediondas, com uma boca de mil dentes.

Acercando-se do rio, cruzou com um pescador, jovem como ele, carregando um bom saco de pescado. Cumprimentando-se, o jovem pescador perguntou:

-“Desces ao *Minius*, irmão?”

-“Sim, quero ali banhar-me.” – respondeu o pastor.

-“Faz cuidado com as meigas que vivem na água. Se ouvires perguntas quando lá estiveres não respondas.”

-“Não respondo?” – perguntou o pastor admirado.

-“Não, a menos que queiras ser arrastado para o fundo do rio.”

Chegou às margens, receoso com o aviso do pescador. Seria verdade ou estaria apenas a gozar com ele? Devorado pela vontade de tomar banho no rio, tirou rapidamente as roupas e mergulhou. Rompia o dia e, com aquele banho, iria reavivar o seu espírito para a continuação da caminhada. Foi então que ouviu uma voz feminina terna:

-“Está boa a água, ó pastor?”

O jovem pastor virou-se e ficou gelado. Diante dele estava uma bela rapariga mergulhada no rio, nua, de negros cabelos, olhos esmeralda e pele alba. O medo tomou conta de si, sabia que não deveria falar para aquela encantadora jovem. O seu aspecto sedutor era uma armadilha viva para o capturar.

-“Não falas comigo, ó pastor?” – insistiu a meiga

Sério, tomado pelo receio, o pastor recuou rapidamente para a margem. Quando pisou a terra, olhou para trás e já lá não estava aquela bela rapariga, que desapareceu tão pronto como apareceu. Com o coração em sobressalto, respirou fundo, por pouco não caíra nas teias da meiga. Aquela tinha tanto de encantadora como de perigosa, felizmente que o pescador o advertira para a possibilidade de se encontrar com uma.

Ainda em choque, pelo primeiro contacto com aquele rio, vestiu-se e seguiu pela margem em direcção ao mar. Um rio tão portentoso como aquele, carregava em igual porção maravilhas e perigos. Seguiu a sua corrente, caminhando junto à margem, por aquela terra barrenta. A meio do seu caminho, até ao povoado seguinte, encontrou um lindo rio de águas cristalinas, que alimentava o *Minius*. Subindo um pouco aquele afluente, reparou como era abundante em trutas e salmões. Encontrou uma vara de amieiro e, com fio e anzol que trazia no seu saco, fez uma cana. Para isco, escavou na lama daquelas margens e encontrou umas

minhocas. Não foi preciso a paciência que o *Limia* exigia para retirar um exemplar salmonídeo. Em pouco tempo, a voracidade daqueles peixes levou-os a morder o isco duas vezes. O pastor ficou satisfeito, tinha o almoço garantido que preparou naquelas margens. Olhando para tão belo curso de água, só poderia tratar-se do rio que o druida falava numa das suas histórias e cujas grutas escondiam princesas e tesouros. Mas, não quis o jovem pastor prolongar-se por aquelas bandas e, novamente, regressou às escarpadas margens do *Minius*.

Parou, a meio da tarde, num grande povoado habitado por várias tribos conhecidas por *Quarquernos*¹³. Gente dura, guerreira e trabalhadora daquele vale. Foi perto do rio que, puxando uma junta de bois, um agricultor falou ao jovem pastor:

-“Pelo saco, vejo que viajas. Vais acampar na margem?”

-“Assim tenciono, contando que não haja meigas.”

-“Meigas, não. Mas há por ali mal maior.”

-“De que falas, homem?” – ripostou o pastor.

-“Chamam-lhe *Coca*. Faz cuidado.”

Mais não disse e puxou a junta de bois caminho acima. O jovem pastor estava impressionado com os mistérios que aquele rio guardava. Mas não se fez medroso, avançou para a margem e montou a sua tenda. Novamente, preparou um isco e pôs-se à pesca para capturar a sua ceia. Já tinha enganado um bom salmão, cujas tripas apartava, quando viu umas estranhas ondas a formarem-se nas águas. Prudente, escondeu-se atrás de um amieiro e observou aquele movimento ondulante, não precisava de mais avisos quanto aos perigos que o *Minius* escondia. Paralisado com o medo, não conseguiu acreditar no que estava a acontecer à sua frente. Uma espécie de lagarto verde gigante, coberto de lismo, punha a cabeça fora de água mordendo um portentoso salmão, ainda a tentar libertar-se da mandíbula daquele réptil. Moveu a cabeça ao seu redor e foi deitar-se numa pequena ilhota para saborear o seu repasto, que subiu com recurso às suas garras afiadas. Só podia ser a *Coca*.

O jovem pastor, não encontrou outra solução que esperar escondido. Assim que tombou a noite e aquela criatura caiu no sono, agarrou rapidamente os seus pertences e subiu em direcção ao povoado. Não se arriscaria a pernoitar perto daquelas margens. Gelado com o medo, correu até à cercania da aldeia onde um habitante, que por ali passava em direcção a casa, o interrogou:

-“Que se passa rapaz? Viste alguma alma?” – perguntou o homem, vendo a palidez do rapaz.

-“Antes fosse. Vi um grande lagarto no *Minius*.” – respondeu, arfando, o jovem pastor.

-“A *Coca*. Sei bem do que falas, qualquer um perde as forças diante daquela besta.” – reconheceu o homem.

-“Não quero seguir mais o rio. Está cheio de perigos.”

-“Os perigos existem por todo o lado, toca a cada um decidir como enfrentá-los. Mas, se te queres afastar daquelas margens, há para sul, no interior dos montes, uma terra chamada *Cora*¹⁴. Ali, o mar banha o alto dos seus montes.” – disse o homem com um sorriso.

-“O mar na montanha?!” – exclamou o pastor. Mas já não ouviu a resposta, o homem saiu pela noite sem adiantar mais pormenores.

Com essa história na cabeça, procurou onde se acampar. Ao romper da aurora partiria em direcção aos montes que tocam o mar. Já nada lhe causava espanto nesta terra de infinitos mistérios. Assou o salmão e dormiu junto à aldeia naquela noite. Sonhou com a *Coca* irrompendo do mar e vindo comer, uma cachena, ao topo dum monte.

Deixando as terras barrentas do *Minius* para trás, caminhou em direcção aos vastos montes de carvalhos, a sul. Foi cruzando com vários pastores, que lhe indicavam o caminho de *Cora*. O regresso ao coração daquela terra, fez-lhe esquecer as armadilhas do grande rio. Era indescritível a beleza daqueles montes, com as manadas de garranos selvagens que corriam, livres, os seus trilhos. O poderoso *Minius*, deixou-lhe um sentimento de respeito inabalável. Sentia que devia voltar atrás, para ver a plenitude da beleza daquele rio impiedoso. Mas, agora, só regressaria assim que visse aquele mar que chega às montanhas.

O negrume da terra subia para o céu, ali tudo estava enevoado. Certamente tinha chegado ao seu destino, aquelas terras eram conhecidas pela sua escuridão. Aproveitou a subida do íngreme monte para recolher cogumelos. Quando atingiu o cume, procurou um promontório rochoso para observar a paisagem à sua volta. O que viu era autêntica imagem saída de sonhos: uma espessa camada de nevoeiro onde só os cumes dos montes eram visíveis. Agora compreendia, porque diziam que ali o mar banhava a montanha. Naquela vasta paisagem, toda a semelhança com um mar furado de pequenos ilhéus era mais que evidente. Riu, aspirou o ar frio da montanha e abriu os braços para o céu. Vivia um sonho feito matéria.

Esperava poder descansar bem nessa noite, antes de retomar o curso de volta para as margens do *Minius*. O cair da noite dissipara o nevoeiro e, agora, a lua cheia iluminava a clareira onde o pastor fez uma fogueira. Meditou sobre os últimos dias, vastos em experiências e emoções. Já tinha percorrido metade da terra entre os dois grandes rios, porém não tinha o menor indício de qualquer tesouro. Na realidade, desde que partira para esta aventura nem sequer lhe ocorreu procurar tal riqueza, tão absorvido estava pela experiência. Perdido nesses pensamentos, caiu num sono profundo arrastado pelo cansaço.

-“Quem não tira os olhos do chão, jamais perderá a sua cegueira!” – lembrava o druida, nos sonhos do pastor.

Acordou repentinamente. Era madrugada e a floresta estava estranhamente muda. Ao seu lado, apenas as brasas da fogueira emitiam uma ténue luz. A lua cheia escondeu-se atrás

das nuvens e, ao longe, os lobos uivavam fortemente. Inquieto com aquela inesperada quietude, levantou-se estremunhado. Teve a sensação de ver uma luz, não muito longe, a romper pelo meio da floresta. Um lobo soltou o seu uivo gutural não longe dali e o pastor fugiu para trás de um castanheiro. Aproximava-se um grupo de encapuzados alinhados em duas filas, segurando tochas. Aqueles seres vestidos de negro e passo compassado, aproximavam-se rapidamente, embora não fossem na direcção do pastor. Este, não teve a menor dúvida do que via, uma *Procissão de Almas*. Histórias destas procissões conhecia muitas, mas nunca pensou ver uma tão perto. O ar da noite gelou-lhe o corpo e arrepiou-lhe a pele. Sabia que eles vinham para buscar alguma pessoa, alguém morreria em breve.

A procissão passou, o ar ficou menos frio e as nuvens voltaram a mostrar o luar. Tombou no chão, a suspirar de alívio. Embora aquelas almas não viessem à sua procura, a visão daquela campanha era arrepiante. Voltou a deitar-se, mas já não voltaria a dormir. Decidiu, então, aproveitar a lua cheia para recomeçar o caminho, nesse dia, a caminhada não seria longa. Iria regressar às margens do *Minius*, até um enorme povoado habitado pelas tribos dos *Gróvios*¹⁵ e, por essa razão, chamado de *Gróvia*¹⁶.

Chegou ao nascer do dia, àquele grande povoado marginal. O mais curioso deste lugar é que era apenas uma metade do povoado inteiro. A outra metade situava-se na margem oposta do *Minius*, chamava-se *Tude*¹⁷. Juntos mas separados, aquele rio não era barreira para os homens que precisavam deslocar-se entre os dois lugares. O movimento de barcos era contínuo e o pastor queria aproveitar para conhecer a outra metade, plena de castros e encimada pelo templo do deus *Turiacus*¹⁸.

Parou na colina que descia para o rio, aproveitou para comer alguma coisa e observar o contínuo movimento de pessoas, transportando as suas mercadorias entre margens. Sabia que para atravessar, teria de trocar a sua passagem por algo. Dirigiu-se a um barqueiro, que carregava pesados sacos para a sua barca, cumprimentou-o e perguntou:

-“Quanto queres pela passagem, ó barqueiro?”

-“Que podes pagar, rapaz?”

-“Tenho umas cinco moedas de bronze.” – disse o pastor, timidamente.

-“Cubro uma moeda de prata por pessoa.”

-“Posso carregar-te esses sacos e, chegados a *Tude*, ajudo-te a subi-los para a cidade.”

O barqueiro aceitou, não tanto pela necessidade de ajuda mas pela empatia que o pastor lhe causou.

-“Por seres rapaz novo e teres vontade de trabalhar, vou aceitar passar-te para o outro lado. Mas, se quiseres regressar comigo, terás de estar na barca quando o sol estiver a prumo.” – disse o barqueiro.

Com a vontade de conhecer o outro lado, o pastor rapidamente carregou os sacos para a barca e logo largaram a margem esquerda do rio. Uma vez chegados, descarregaram a mercadoria para um carro de bois. O jovem pastor ficou aliviado, pois não teria de ser ele a carregar o peso encosta acima. Sabia ter algum tempo para subir ao topo da cidade. Apesar de a margem ser outra, as pessoas eram iguais. No fundo, era como se outrora não houvesse qualquer rio e, agora, este cortasse a cidade em dois.

Apressou o passo pelas vielas, onde se amontoava gado e gente, nunca tinha estado num castro tão grande. Chegou ao templo de *Turicus*, deus do poder. Mais uma vez cruzou com vários peregrinos, que rumavam a *Finis terrae*, e ali repousavam antes de mais uma etapa. Visitou o templo e saiu para as suas imediações, queria ver a outra margem do alto do promontório. Arrepiou-se com o manto verde que cobria toda a sua terra, apenas *Gróvia* abria espaço naquele aglomerado de árvores, como se fosse uma clareira. A extensão da floresta era infinita, certamente impossível de encontrar qualquer tesouro que fosse naquele oceano verde.

Desceu a colina, a hora do regresso aproximava-se. Encontrou o barqueiro junto à margem descarregando mercadoria de um carro de bois. Ajudou-o com a carga e, antes do regresso, tomaram cerveja dum barril. De volta à sua terra nativa, o pastor agradeceu ao barqueiro e despediram-se. O dia estava a meio, mas já tinha cumprido uma vontade: atravessar o *Minus*. Como tinha dormido pouco na noite anterior, devido àquele desfile de almas, procurou um lugar isolado na margem do rio. Tudo o que o jovem pastor desejava era uma boa sesta, antes de retomar o caminho. Encontrando um sítio isolado, montou a tenda e deixou-se levar pelo cansaço. Não teve sonhos nessa noite, a tranquilidade de espírito que o invadia deixou-o cair num profundo sono.

Acordou, estremunhado, com o barulho de algum animal nocturno. Espreitou pela abertura da tenda e viu que a aurora se aproximava. Lavou a cara no rio, juntou os seus pertences e pôs-se a caminho, seguiria até à foz. A jornada terminaria nas margens do grande oceano.

Motivado pela vontade de ver aquele infinito azul, caminhou alegremente através da terra dos cervos, assim conhecida pela quantidade destes animais naquelas colinas. Viu várias ilhas, uma delas em forma de coração, parecia ser o coração do *Minus*. Por ali parou para almoçar, tirou o fio de pesca e derrotou uma fortíssima enguia. Assou a iguaria à beira-rio e retomou o seu caminho. Mais adiante, passou por uma terra de pescadores peritos na pesca de uns bizarros peixes achatados, com os olhos no mesmo lado do corpo. Aí, conviveu um pouco com aquelas gentes, que lhe ofereceram dois desses peixes preparados à sua estranha

maneira, secos pelo fumo de fogueiras. As demoras do caminho com aqueles povos, só o deixaram chegar ao fim do *Minius* ao meio da tarde.

A foz abria-se como uma imensa boca pela qual o rio alimenta o oceano. O trânsito de barcos, de todos os tamanhos, era impressionante. Rio acima, rio abaixo, pescadores, comerciantes ou simples aldeões, ocupavam aquele largo troço fluvial. Do outro lado, naquela margem que visitara na véspera, reparou num grande monte, um enorme relevo de terra à porta do mar. Era certamente o monte que tinha ouvido falar toda a sua vida, uma espécie de guardião e aduana do rio. Conseguiu ver o enorme castro que ocupava o alto daquele promontório, encimado por uma chama. O farol que marcava o fim do mar, o início da terra. Mesmo à sua frente havia duas ilhas, rompiam naquele bravo mar aqueles dois pedaços de terra verde, a última fronteira do *Minius*.

O esplendor daquele panorama deu o último alimento à sua fome de descoberta, o caminho até àquele lugar encantado foi a resposta que procurava. Deixou-se cair no areal, embalado pela maresia, sentiu que devia mergulhar no mar como ritual de fim de viagem. Tirou as roupas e precipitou-se para as águas, mas o ritual foi assaz curto tal era o frio que lhe gelou o cerne dos ossos. Saltou, rapidamente, para a areia e riu às gargalhadas. Riu da sua ingenuidade ao meter-se naquelas águas glaciais, mas sobretudo riu de felicidade.

Estava exausto, precisava descansar bem antes da última etapa. Montou a tenda num incrível bosque junto ao mar, quase surreal, cheio de arbustos de bagas brancas. Enquanto comia aqueles peixes secos, junto de uma fogueira, reviveu as experiências daquela viagem. Um corço despreocupado mordiscava nas pequenas fadas brancas do bosque e o pastor sentiu empatia por aquele ser. Na realidade não eram diferentes um do outro, tinham o mesmo tesouro para usar e partilhar.

Tombou a noite sobre a terra e o cansaço sobre o pastor, estava na hora de dormir. Sonhou com a sua aldeia, os seus pais e irmãos e as cachenas nos montes. O druida apareceu-lhe a sorrir, mas não lhe recordou mais a frase. Sonhou com as terras, as gentes, os animais e as bestas. Sair da sua terra tinha sido enriquecedor, a maior riqueza trazia-a, agora, em si.

Acordou com o dia, juntou os seus haveres e partiu. Desceu costa abaixo, seguindo as praias, até encontrar um rio entre dunas. Aí, subiu o afluente em direcção ao coração montanhoso daquela terra. Caminhou o dia inteiro pelas serras, sem nunca deixar escapar a beleza de cada lugar que atravessou. Chegou ao seu povoado ao cair do dia, onde a sua família o recebeu com alegria. A sua ausência, durante oito luas, exigia um javali de repasto. Ceou e caiu exausto no seu leito.

No dia seguinte, saindo cedo de casa procurou o druida. O velho recebeu-o com um sorriso de alegria:

-“Estás de volta ao ninho, pequeno pássaro?”

-“E depois dum grande voo!” – riu o pastor.

-“Conta-me o que viste!” – animou o druida.

O pastor relatou as suas jornadas de caminho, as suas fantásticas experiências, o que tinha aprendido. Enfim, trouxe consigo uma bagagem maior do que aquela que partiu.

-“No fundo sempre estive cego.” – rematou o pastor.

-“Porquê, meu bom rapaz?” – perguntou o druida.

-“O tesouro sempre esteve debaixo dos meus pés. À minha volta e sobre a minha cabeça. Está por todo o lado e à nossa disposição. É a maior e mais valiosa peça que poderia alguma vez ter visto!”

O druida sorriu com satisfação. O jovem tinha entendido a sua charada e podia finalmente abrir caminho para outros. Foi então que o velho concluiu:

-“Pois é meu bom pastor, para aprender é caminhar e ler!”



Passados todos estes anos, ainda se pode encontrar o tesouro, nunca saiu daquele lugar. Mudou o seu aspecto mas o seu valor permanece inalterável. Por vezes, pisámos incautos sobre ele e não o apercebemos. Se tirarmos os olhos do chão e olharmos ao redor veremos que ele está ali para usar, partilhar e, sobretudo, preservar. Essa terra guardará para sempre a sua incalculável riqueza, por isso foi chamada de Minho, cuja origem da palavra significa *o Tesouro*.

FIM

Notas

- 1: nome celta do rio Minho, também podendo ser escrito *Migno*.
- 2: nome romano do rio Lima no qual, segundo a lenda, quem mergulhasse perdia a memória.
- N.A.: não tendo sido encontrado o nome celta para esse rio, foi utilizado o mais próximo da referida época.
- 3: raça de gado bovino de pequeno tamanho e cornos de grandes dimensões. A sua área de origem situa-se nas zonas montanhosas dos concelhos do parque natural do Baixo Lima – Serra do Gerês.
- 4: mulher com conhecimentos de magia e feitiçaria, além de mezinhas.
- 5: tipo de povoado da Idade do Bronze e do Ferro, característico das montanhas do noroeste da Península Ibérica.
- 6: topónimo celta de Ponte de Lima, possivelmente da zona de Estorãos.
- 7: raça de equídeos muito antiga, autóctone do actual território português. O seu nome deriva do proto-celta *gearran*.
- 8: topónimo celta de Ponte da Barca.
- 9: espécie de duendes (trasnos) molestos, impertinentes e inquietos.
- 10: seres que andam pela noite a percorrer os caminhos.
- 11: palavra alto-minhota e trasmontana, equivalente a papão ou homem do saco.
- 12: topónimo celta de Arcos de Valdevez.
- 13: povo galaico, situado no convento jurídico bracarense. A sua localização concreta não é definida.
- 14: topónimo celta (?) de Paredes de Coura.
- 15: povo pré-romano de origem desconhecida, viviam no vale do Minho, com a cidade mais importante situada em Tui.
- 16: topónimo celta (?) de Valença.
- 17: topónimo celta de Tui.
- 18: deus principal dos Gróvios, cultuado na Galécia e na Lusitânia.